

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

4/5



Edições
Colibri

◁▷↖↗↘↙⊙⊛⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿⋄⋆⋇⋈⋉⋊⋋⋌⋍⋎⋏⋐⋑⋒⋓⋔⋕⋖⋗⋘⋙⋚⋛⋜⋝⋞⋟⋠⋡⋢⋣⋤⋥⋦⋧⋨⋩⋪⋫⋬⋭⋮⋯⋰⋱⋲⋳⋴⋵⋶⋷⋸⋹⋺⋻⋼⋽⋾⋿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓓⓔⓕⓖⓗⓘⓙⓜⓝⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿

egiptologia e de um maior aprofundamento das relações entre o Egipto e a Espanha, neste caso concreto com a Catalunha (p. 25); Joan Beltran i Reguera apresenta-nos a “Memória d’actividades culturals desenvolupades en els darrers anys 1991-1993” (pp. 26-28), referindo os cursos, conferências, reuniões e viagens organizadas pela Societat Catalana d’Egiptologia; finalmente, Josep O’Callaghan evoca-nos a memória do jesuíta Sebastià Bartina i Gassiot (1917-1992), orientalista que muito se destacou no domínio da filologia e papirologia (p. 29).

Restará vaticinar esperançosamente que a nova revista da Societat Catalana d’Egiptologia possa continuar a ser editada com a regularidade que os seus mentores auguram e que os leitores certamente desejam, porque, acompanhando aqui as palavras de apresentação inseridas no primeiro número (p. 3), também estamos convictos que *Nilus* “podrà gaudir d’una llarga i regular existència”.

Luis Manuel de Araújo

JAROMIR MÁLEK, *The Cat in Ancient Egypt*, The Trustees of the British Museum, Londres, 1993, 144 pp., ISBN 0-7141-0969-X

Jaromir Málek, egiptólogo de origem checa vivendo em Inglaterra desde inícios dos anos 70, actualmente responsável pelos valiosos arquivos do Griffith Institute (Ashmolean Museum, Oxford), oferece-nos com este livro um atraente tema, profusamente ilustrado e com a alta qualidade gráfica das edições do British Museum. O tema da obra em apreço é o gato, esse verdadeiro aristocrata entre os animais domésticos que com as pessoas convivem. Trata-se aqui do gato egípcio, que teve a sua origem no gato selvagem africano (*Felis silvestris libyca*, também chamado *Felis maniculata*). A palavra egípcia para designar o gato era *miw* ou *mii*, cuja prosódia, em clara onomatopeia transcrita, seria *miau* ou *miéu*. A forma feminina era *miit*. Depois, a evolução linguística do demótico transformou o gato em *imi*, para em copta passar a *emu* ou *amu* (p. 25). O interesse pela temática aqui apresentada resulta do facto de o antigo gato egípcio ser o antepassado dos nossos gatos actuais e justifica-se ainda porque “our modern cat represents one of the few remaining links between the ancient Egyptian civilization and the completely different world of today” (“Prologue”, p. 14).

O primeiro capítulo, com o título de “Running free: The wild cats” (pp. 15-44), apresenta a geografia e o clima do Egito que moldaram a vida dos seus habitantes e, naturalmente, dos animais da região nilótica, com destaque para duas espécies que ainda hoje se encontram no Egito: o *Felis silvestris libyca* e o *Felis chaus*, mais robusto, referindo-se um outro felino por vezes representado em frescos ou em gravações, o gato bravo (*Felis serval*). Nos relevos tumulares do Império Antigo que representam cenas de caçada nos pântanos vêem-se animais de pequeno porte a subir por caules de papiro para capturarem aves: não são gatos mas sim ginetas (*Genetta genetta*), que competem com os ágeis mangustos (*Herpestes ichneumon*). A decoração da tumba do governador Khnumhotep III, em Beni Hassan (c. 1900 a. C., XII dinastia), mostra já gatos selvagens, no caso o *Felis silvestris libyca* e o *Felis chaus* (p. 44). Embora tenham sido domesticados por volta de 2000 a. C., nos princípios do Império Médio, os gatos só começaram a ser representados nos túmulos cerca de 1500 a. C., já no Império Novo, aparecendo depois com frequência em decorações não tumulares.

“Together at last: The domestic cats” (pp. 45-72) traz-nos a evocação dos gatos na arte e na onomástica: atestam-se desde, pelo menos, a V dinastia, os nomes de Miu (Gato) e Miut ou Miit (Gata) presentes em túmulos de pessoas que assim se chamaram, e até um rei da XXII dinastia, sem qualquer importância política, teve o nome de Pamiu, isto é, O Gato (*P3-miw*). Note-se, entretanto, que ao contrário dos cães os gatos não recebiam nomes. Graças aos relevos tumulares onde o defunto se mostra com o seu cão conhecemos os nomes de Ébano, Negro, Grande, mas para os gatos conhece-se um único caso, que pode bem ser a exceção a confirmar a regra: embora a decoração mural esteja em mau estado, no túmulo de Puiemré, funcionário do reinado de Tutmés III (XVIII dinastia), pode ver-se um gato cujo nome é Nedjem (Agradável), ou então, no caso de ser feminino, Nedjemet (p. 51). Nas representações artísticas o gato surge amiúde junto aos seus donos, ou melhor, junto da dona: sintomaticamente é sob a cadeira da mulher que geralmente o gato se encontra – e as imagens publicadas no volume são bem elucidativas (gravuras das pp. 57, 58, 60, 61, 62, 63 e 71).

A notória popularidade do gato facilitaria mais tarde a sua sacralização em épocas de incremento da zoolatria, altura em que, na qualidade de animal sagrado da deusa Bastet (tal como muitos outros animais eram epifanias de outros tantos deuses), a sua imagem assumiu carac-

terísticas benfazejas e apotropaicas. Mas no início da civilização egípcia outros felinos suplantavam o gato: em “A poor man's lion: The divine cats” (pp. 73-111) o Autor lembra a presença da deusa pantera Mafdet nos “Textos das Pirâmides”, destruindo as serpentes malignas. As mais antigas representações de gatos com uma nítida conotação mágico-religiosa podem ser vistas nas chamadas facas mágicas em marfim datadas do Império Médio e que se destinavam a proteger o seu proprietário: “The cat was, no doubt, included because of its ability to destroy snakes, in the role assigned in the *Pyramid Texts* to the goddess Mafdet” (p. 78). Continuará a ter o mesmo papel protector nos “Textos dos Sarcófagos”, no “Livro dos Mortos” e noutros textos religiosos gravados em paredes tumulares, em estelas ou inscritos em papiros, sendo o gato associado a Ré e a Maet, dado que “a similarity between the word for a female cat (*miit*) and the name of Maet, the goddess of truth and order, may explain an interesting feature found on some late bronze statuettes of cats”; a mesma razão etimológica explicará a sua relação com Mut (p. 91).

“Pride goes before a fall: The story cats” (pp. 112-122) é o título do capítulo seguinte, que se baseia essencialmente em imagens desenhadas em papiros e óstracos, muitos deles originários de Deir el-Medina, na margem ocidental de Tebas. As situações descritas nesses suportes têm um carácter irónico, com uma nítida subversão de valores: um óstraco com um gato servindo um rato entronizado, um papiro mostrando o exército dos ratos a assaltar a fortaleza dos gatos, os gansos conduzidos pelo pastor gato, são exemplos conhecidos de uma temática descanonizada que os artesãos dos túmulos se compraziam em rabiscar nas horas vagas. Já do período ptolemaico, mas continuando anteriores temas, é um pequeno relevo em terracota com um gato e um rato numa cena de pugilismo arbitrada por uma águia (p. 122).

O carinho que os Egípcios sentiam pelos seus gatos está documentado em “Buried with full honours: The mummified cats” (pp. 123-134), sendo paradigmático o sarcófago que o príncipe Djehutimés (o filho primogénito de Amen-hotep III, XVIII dinastia) mandou preparar para o seu animal de estimação. Os textos hieroglíficos nele gravados evocam a gata Tamit (cuja tradução é mesmo A Gata), que é declarada Osíris e justificada (!) e, tal como os humanos, colocada sob a protecção de Ísis, Néftis, Nut e dos quatro filhos de Hórus (Imseti, Hapi, Kebehsenuf e Duamutef). Esta inumação data de uma época em que o gato não esta-

va ainda intimamente ligado ao culto de Bastet, o qual só ganhou importância na Época Baixa, a partir da XXVI dinastia saíta. O culto viria a proporcionar o fabrico de milhares de estatuetas de bronze e amuletos básticos, para depois degenerar em rendoso negócio que levaria até à morte ritual de alguns gatinhos para a venda das suas múmias. Vastos cemitérios de gatos encontram-se em Sakara (no Bubasteon), Guiza, Akhmim, Abidos, Dendera, etc.

Ao sucinto epílogo de três páginas (pp. 135-137), com o gato egípcio seguindo a evolução histórica do país e beneficiando da protecção islâmica (numa altura em que na Europa medieval se queimavam os gatos tidos como símbolo de bruxaria), segue-se a bibliografia (pp. 138-139).

As ilustrações, enumeradas nas pp. 141-142 (“Illustration acknowledgements”), vêm essencialmente do British Museum, mas também há algumas dos acervos egiptológicos de Leiden (Rijksmuseum van Oudheden) e Nova Iorque (Metropolitan Museum of Art), entre outros. Não será descabido lembrar que ficaria bem a documentar o tema a estatueta do gato egípcio que é o “ex-libris” do Szépművészeti Múzeum de Budapeste e a imagem da gata amamentando os seus filhos do Museu Calouste Gulbenkian (n.º inv. 21).

O bem paginado volume insere ainda uma “Chronological chart” (pp. 7-11) para apoio dos leitores, mencionando os principais soberanos, desde o período pré-dinástico até à conquista islâmica; na tábuca cronológica Jaromir Málek inclui o unificador Narmer na “dinastia 0”, tal como já fizera no *In the Shadow of the Pyramids* (Londres, 1986) e no *Atlas of Ancient Egypt* (Oxford, 1981).

Seguindo as suas obras anteriores (e as de um cada vez maior número de egiptólogos) também nesta há uma nítida preferência pelos nomes com a forma egípcia, aqui obviamente em transcrição inglesa: Khufu (em lugar de Quéops), Khafrá (em vez de Quefren), Menkaura (melhor que Miquerinos), Amenemhat (e não a forma helenizada de Ammenemés), Senusret (em vez de Sesóstris), Amen-hotep (em lugar de Amenófis ou Amenophis), Sety (e não Sethos), Psamtek (em vez de Psamético), etc. Mas acontece que os nomes teóforos contendo o nome do deus Ré (no volume em apreço com a forma Ra, embora outros egiptólogos britânicos prefiram Re) tanto aparecem aqui com a sua terminação em *ra* (Khafrá, Menkaura, Sahura) como em *re* (Smenkhkare, Nebre, Puiemre), insignificante discrepância que em nada ofusca o belo, propositado e “felino” trabalho de Jaromir Málek sobre um dos animais

mais queridos dos antigos Egípcios – esse admirável povo que, no dizer de Eça de Queirós em ágil recuo de quatro mil anos, é “polido, silencioso, vestido de linho branco, docemente caturra, que traz uma flor na mão, e saúda com reverência os gatos”...

Luís Manuel de Araújo

RICHARD H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, Thames and Hudson Ltd, Londres, 1992, 224 pp., ISBN 0-500-27751-6

Richard H. Wilkinson, egiptólogo e docente da Universidade do Arizona, oferece-nos com este volume excelentemente ilustrado (quase quinhentas ilustrações), e com uma esmerada e cuidadosa apresentação gráfica, um airoso manual que mostra bem a ligação entre os signos hieroglíficos e a sua aplicação na iconografia decorativa. Dos cerca de 750 hieróglifos usados para a escrita do egípcio clássico foram seleccionados cem que aqui aparecem segundo a ordem dada por Sir Alan Gardiner na “Sign-list” da sua *Egyptian Grammar* (3ª edição, 1957).

O manuseamento do livro fica em muito facilitado com a identificação de cada um dos hieróglifos seleccionados no canto superior direito das páginas ímpares, acompanhado de um texto explicativo acerca do significado e da utilização do signo em causa. As páginas pares mostram imagens onde o hieróglifo participa já dissociado e solto das linhas de escrita com toda a autonomia ideológica do seu valor iconográfico.

Ao breve prefácio (p. 8) segue-se a Introduction (pp. 9-12), a qual inclui uma síntese sobre a história e a arte do antigo Egipto, dedicando algum espaço, como seria de esperar, às *medu netjer*, os hieróglifos, que são o tema do presente volume. A p. 13 insere uma tábua cronológica que reproduz a do *Atlas of Ancient Egypt*, de John Baines e Jaromir Málek (versão americana, Nova Iorque, 1984), onde, ao contrário da maior parte das periodizações que seguem no essencial a divisão dinástica manetoniana, se designa o segundo período de ocupação persa por XXXI dinastia (343-332 a. C.).

Depois começa o catálogo de hieróglifos abrindo com os signos que representam a figura humana masculina em várias posições (A. Man, pp. 15-31), e a figura feminina (B. Woman, pp. 33-35), aqui presente com a